

# À beira do abismo: a última escolha antes do salto – Por Amadeu Ricardo

written by Amadeu Ricardo | 30 de Setembro, 2025

**OCIDADÃO**  
Journalism Libre

**OPINIÃO**  
**Amadeu Ricardo**



Portugal aproxima-se de mais uma eleição com a serenidade inquietante de quem já se habituou ao risco. A sucessão de crises políticas, casos judiciais, demissões e ruturas parlamentares criou um terreno fértil para o desencanto. A confiança nas instituições políticas foi corroída lentamente, num processo cumulativo que agora produz consequências visíveis.

A direita mais radical deixou de ser aquele fenómeno periférico. Consolidou eleitorado, espaço mediático e influência. Já não é apenas um voto de protesto difuso: é uma opção política organizada, com discurso claro, presença constante e capacidade de moldar a agenda pública. Enquanto os

outros partidos discutem entre si, essa força cresceu sem obstáculos significativos, alimentando-se do descontentamento, do medo e da percepção de impunidade das elites.

O discurso extremista prospera onde a política tradicional falha. Falhou em dar respostas concretas a problemas estruturais: habitação inacessível, serviços públicos degradados, salários estagnados e uma justiça lenta. Falhou também em preservar a confiança – substituiu a clareza por calculismo, o debate por slogans, a responsabilidade por táticas.

O vazio foi ocupado.

Nas ruas, não se discute a ideologia. Discute-se a sobrevivência. Quem não consegue pagar a renda ou esperar meses por uma consulta não tem paciência para promessas vagas. Nesta fractura entre o que se diz e o que se vive, emergem as narrativas simples e implacáveis. A extrema-direita oferece culpados claros e soluções fáceis – mesmo que perigosas ou falsas.

O centro político hesita, dividido entre alianças táticas e o medo de perder eleitores para a margem. A esquerda fragmenta-se em discursos paralelos, muitas vezes mais preocupada em diferenciar-se internamente do que em construir uma alternativa sólida. O resultado é um campo aberto para quem não hesita em ocupar esse mesmo espaço com agressividade.

As redes sociais amplificam tudo: simplificam debates, distorcem contextos e transformam a política num fluxo contínuo de choque emocional. Neste ambiente, a razão perde terreno para a visceralidade. A discussão pública tornou-se mais sobre identidade e ressentimento do que sobre soluções.

O risco não é teórico. Se a extrema-direita alcançar uma posição determinante, o país entrará num novo ciclo político – mais instável, mais polarizado e menos previsível. As regras democráticas não desaparecem de um dia para o outro; desgastam-se, gradualmente, sob o peso de decisões pragmáticas disfarçadas de normalidade.

Portugal está à beira de um ponto de viragem. A escolha não é apenas entre partidos: é entre manter um espaço democrático imperfeito, mas funcional, ou abrir caminho para as forças que têm o seu combustível no conflito. O país aproxima-se do abismo em silêncio, com a mesma passividade com que, ao longo dos anos, ignorou os sinais que agora se tornaram inegáveis.

No dia das eleições, cada voto será mais do que uma opinião: será uma linha no mapa do futuro. Votar não é um gesto neutro nem inócuo. Quem escolhe virar a cara ou banalizar a escolha contribui, mesmo sem querer, para legitimar o caminho que outros traçam.

A História não avisa quando muda de direção – fá-lo de uma forma seca e definitiva. Se o país falhar este momento, não poderá fingir surpresa com o que vier a seguir.